

A ressignificação do mito da *mãe preta* nas personagens negras que são mães na telenovela *Malhação* (2014, 2015 e 2017)

The resignification of the myth of the Black mother in the Black characters who are mothers in the soap opera Malhação (2014, 2015 e 2017)

Olívia PILAR¹

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre o lugar social das mulheres negras que são mães, a partir da análise de quatro personagens em temporadas distintas da telenovela *Malhação*. Para isso, a pesquisa aborda o mito da mãe preta como conceito principal, além dos conceitos de representação e identidade. A partir dessa base teórica e da análise metodológica, buscamos entender se o mito continuou a ser reproduzido ou se essas produções apresentaram uma nova perspectiva para essas mulheres.

Palavras-chave: Representação. Identidade. Mulheres negras. Malhação. Mãe preta.

Abstract

The purpose of this article is to reflect on the social place of Black women who are mothers by analyzing four characters in distinct seasons of the soap opera *Malhação*. For this, the research approaches the myth of the Black mother as the main concept, as well as the subjects of representation and identity. Using this theoretical basis and through methodological analysis, we try to understand if the myth continued to be reproduced or if these productions presented a new perspective on these women.

Keywords: Representation. Identity. Black women. Malhação. Black mother.

Introdução

No ar desde 1995, a telenovela *Malhação* estreou na Rede Globo com o objetivo de dar voz ao universo dos jovens. Em formato de seriado e com semelhanças com as *soap operas*, *Malhação* foi idealizada pelos roteiristas Andréa Maltarolli e Emanuel

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES.
E-mail: oliviapilarsoouza@gmail.com

Jacobina. Desde sua estreia, em 24 de abril de 1995, até a data deste artigo, a telenovela conta com 27 temporadas, demonstrando sua longevidade e relevância na televisão brasileira. Essa presença marcante na cultura popular e no dia a dia dos jovens pode ser explicada pela relação que o público alvo da telenovela cria com a televisão, um vínculo que mescla entretenimento, informação e apropriação de valores (SOUSA, 2007). Em relação ao público geral, a telenovela “ganhou visibilidade como agente central do debate sobre a cultura brasileira e a identidade do país” (LOPES, 2003).

Entretanto, mesmo esse produto trabalhando a cultura e a identidade do Brasil, os personagens negros são, historicamente, pouco representados em telenovelas. Campos e colaboradores (2015) ressaltam que as telenovelas da Rede Globo têm, em média, 90% dos seus personagens representados por atores brancos, o que não condiz com a realidade brasileira que, de acordo com o IBGE (2011)², tem a população somada de pretos e pardos maior do que a de brancos (54,9% contra 44,2%). Mesmo com essas questões, as telenovelas conquistaram o público brasileiro, e a Rede Globo se consolidou como a principal responsável por esse produto. Nessa esteira, *Malhação* se tornou o principal produto de ficção com foco no público jovem.

Isso posto, neste artigo, focaremos em *Malhação* e na representação de mulheres negras que são mães, com o objetivo de analisar como o mito da *mãe preta* tem sido apropriado e ressignificado nas telenovelas brasileiras e, assim, tentar responder à questão: *o que a representação dessas mulheres negras diz sobre o lugar social das mães pretas?* Para isso, o texto está estruturado em quatro partes. Na primeira, há uma discussão conceitual sobre identidades e representações. Na segunda, contextualizamos a situação das mulheres negras na sociedade brasileira e o mito da *mãe preta*. Na terceira parte, debruçamo-nos sobre cada uma das personagens nas respectivas temporadas escolhidas. Para finalizar, apresentamos a análise e as considerações finais.

Telenovela: constituição de representações e identidades

Filiando-nos ao modelo praxiológico da comunicação, entendemos que a televisão contribui para a construção da identidade dos sujeitos. Para esse modelo (QUÉRÉ, 2018), a comunicação é um processo interativo em que um mundo comum é

² Disponível em: <<http://bit.ly/2KVD0mk>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

constituído e partilhado entre os sujeitos, tendo a linguagem como elemento fundamental nessa construção. Nesse processo, de produzir e circular sentidos, revela-se diversas facetas da sociedade em que se está inserido, como os valores e representações, assim como ajuda na construção das identidades — um processo complexo, múltiplo e móvel, marcado por “contradições, por identificação e alteridade” (FRANÇA; SIMÕES, 2003, p.3), que acontece nas relações cotidianas. Neste artigo pensamos em um tipo de interação específica, a que acontece entre os sujeitos e as telenovelas. Essas, ao produzirem discursos e sentidos, não só trazem o contexto ao qual está inserido para suas narrativas, como produzem novos sentidos que serão pautas do cotidiano dos sujeitos. Ou seja, as telenovelas, por meio de seus discursos, produzem sentidos sobre a realidade da sociedade brasileira, e “ao suscitar identificações, colaboram na construção de uma identidade nacional” (FRANÇA; SIMÕES, 2003, p.4) e pessoal.

Ademais, ao pensarmos nos sentidos construídos por essa interação, se torna necessário compreender as representações. Em uma perspectiva comunicacional, elas são tomadas como uma conexão entre a cultura e o mundo (CORRÊA; SILVEIRA, 2014), pois “circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais” (JODELET, 2001, p.17). Elas são, portanto, algo que é posto em uma substituição ao outro por meio de símbolos que enunciam algo, seja através do discurso falado ou não — essa representação pode acontecer tanto em uma linguagem através da fala, como em imagens e outros.

Como as telenovelas apresentam diversas representações, esse produto é, portanto, um caminho para “entender a cultura e a sociedade de que é expressão” (LOPES, 2004, p.125). Vale ressaltar que, segundo Lima (2001), apesar da telenovela não alterar diretamente o comportamento da sociedade, “os discursos que a mídia constrói sobre o mundo e sobre si mesma transbordam dos dispositivos midiáticos e irrigam as práticas sociais” (SIMÕES, 2010, p.6). Isso posto, se as telenovelas configuram um espaço privilegiado para entender a sociedade em que estão inseridas e as mulheres negras fazem parte dessa sociedade, estudar esse grupo nesse objeto é profícuo para analisar valores, identidades e lugares sociais.

Mãe preta: uma representação social das mulheres negras em telenovelas

Como dito, as “narrativas das telenovelas ajudam a construir identidades, quer sejam raciais, de gênero etc., as quais podem ser apropriadas (ou não) pelo público” (GRIJÓ; SOUSA, 2012). Apesar das pessoas negras terem participado ativamente na formação de uma sociedade brasileira, nas telenovelas isso não é apresentado de forma condizente com a realidade, criando um hiato entre a realidade e a ficção (GRIJÓ; SOUSA, 2012). Desde a estreia de *Da cor do pecado*, por exemplo, primeira telenovela da Rede Globo com uma protagonista negra, apenas 13 telenovelas tiveram negros em seus papéis principais (XAVIER, 2019). Em *Malhação*, como protagonistas negras tem-se apenas duas personagens: Joana, em *Malhação: Pro dia nascer feliz*, e Ellen, em *Malhação: Viva a diferença*.

A falta de representação encontra ancoragem na vida social. O relatório final da CPI do Senado sobre o Assassinato de Jovens (2016)³, aponta que a cada 23 minutos um jovem negro é morto no país. A Gênero e Número (2018)⁴, com dados do Atlas da Violência, destaca que as mulheres negras foram as principais vítimas da violência de agentes públicos. Os estudos também mostram que a taxa de homicídio subiu para 5,3 a cada 100 mil, enquanto a de mulheres não negras foi para 3,1⁵. A violência racial também se manifesta nas categorias profissionais. O Alma Preta (2018)⁶, com base no IBGE, mostra que 39,8% de mulheres negras compõem o grupo submetido a condições precárias de trabalho. A pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)⁷, aponta que esse grupo está 50% mais vulneráveis ao desemprego em comparação a homens e mulheres brancos e homens negros.

Esses dados ganham sentido nas obras de Lélia Gonzalez (1984) e Kimberlé Crenshaw (2016), para as quais as mulheres negras sofrem múltiplas opressões. Isto é, para além de as enxergamos como mulheres, grupo que recebe opressões machistas da

³ Disponível em: <<https://bbc.in/2FUNjl5>>. Acesso em: 9 abr. 2019.

⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2UAKPBD>>. Acesso em: 9 abr. 2019.

⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/2v5kKwt>>. Acesso em: 9 abr. 2019.

⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2UCo1S8>>. Acesso em: 9 abr. 2019.

⁷ Disponível em: <<https://glo.bo/2UwGFLj>>. Acesso em: 9 abr. 2019.

sociedade, também é necessário que a observamos como pessoas negras e, portanto, aquelas que recebem também as consequências do racismo. E, para Gonzalez (1984), as opressões sofridas influenciam nas representações da mulher negra, criando mitos e estereótipos, sendo os principais: “a mulata, a doméstica e a mãe preta”.

O mito da *mãe preta*

Por *mãe preta* ser o foco neste artigo, apresentaremos agora, brevemente, como essa noção da mulher negra foi constituída na sociedade brasileira. Para Gonzalez (1984) a imagem construída pela branquitude para definir a *mãe preta* é apenas mais uma forma de dominação, e que esse sujeito, visto com um olhar de adoração, é apenas a mãe, aquela que exerce a função materna para os filhos de mulheres brancas.

O que a gente quer dizer é que ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como quem alguns negros muito apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. (GONZALEZ, 1984, p.235)

Sonia Roncador (2008) apresenta uma noção similar: a *mãe preta* seria um sujeito fiel, dócil e servil aos senhores brancos, que se torna a figura materna das crianças brancas quando se configura como sua ama de leite. Nesse estereótipo, a mulher negra era tão fiel e devota, que não representava “perigo de degradação moral da família através da cópula com o senhor ou ‘sinhôzinho’ brancos” (RONCADOR, 2008, p.131).

O estereótipo é atualizado ao longo dos anos, mas sua carga racista permanece. A *mãe preta* não mais como ama de leite, passa a ser a babá ou a empregada doméstica de anos a quem seus patrões consideram “quase da família”. A noção de um sujeito dócil, cuidador e fiel ainda está ali. Assim, a expressão *mãe preta* ganha um significado duplo. O primeiro remete ao estereótipo de uma mulher negra que se torna mais mãe da criança branca do que de seus próprios filhos. O segundo, remete ao papel maternal ocupado, o que nos leva a chamá-las de “mães pretas”, por serem mães e pretas. Nossa análise, como será apresentada a seguir, é realizada através desse olhar duplo.

Procedimentos metodológicos e análise

Nesta sessão estão as categorias e escolhas metodológicas de análise. É importante ressaltar que, por ser um produto voltado para o público jovem, os personagens “pais”, tendem a ser secundários, assim, não questionaremos ausência e presença no nível de um personagem protagonista. Ademais, explicaremos agora como a escolha das personagens para essa pesquisa foi realizada.

Como recorte, foram delimitadas as seguintes categorias: mulher negra, mãe e personagem listado na página de personagens no site Gshow⁸. Delimitamos quatro personagens e os 15 primeiros capítulos das temporadas 2014, 2015 e 2017 a serem observados. As personagens são: Bete, em *Malhação: Sonhos*; Vanda, em *Malhação: Seu lugar no mundo*, e Nena e Das Dores, em *Malhação: Viva a diferença*.

Os procedimentos metodológicos adotados consistem em: analisar a presença dessas mulheres negras em cena, relacionando com suas interações com seus filhos e seus ambientes de trabalho. Como o mito da *mãe preta* está conectado a profissões, é importante apontar qual é a atividade exercida por essas mulheres. Dividimos a análise em três eixos: 1) verificar como essas mulheres aparecem em cena; 2) descobrir qual a profissão delas; e 3) entender como é abordada a interação delas com seus filhos. O enquadramento (GOFFMAN, 2012)⁹ dado à essas personagens torna possível entender como a sociedade enxerga essas mães pretas, qual o papel social que é destinado a elas e como as telenovelas contribuem para perpetuar estereótipos ou apresentar novas representações.

Análise

1) Como essas mulheres negras aparecem em cena para o público?

Neste tópico, apresentaremos inicialmente as aparições das personagens. Bete (*Malhação: Sonhos*) tem sua primeira aparição no capítulo um. Na cena, ela observa

⁸ Site oficial da Rede Globo.

⁹ Nos apropriamos da noção de enquadramento de Goffman (2012) para reconstituir os quadros de sentidos enunciados na composição das histórias das mulheres negras nessas telenovelas e, assim, responder às perguntas.

Bianca (filha do dono da casa em que trabalha) ensaiar o texto de uma peça. Ela está apoiada no cabo da vassoura e faz uma comparação da Bianca com a mãe. Depois começa a varrer o quarto enquanto conversam sobre o pai dela.

Vanda (*Malhação: Seu lugar no mundo*) aparece também no capítulo um. Na cena, ela está coando o café, enquanto seus dois filhos se vestem no quarto. Ela vai até eles e diz que “no, único dia de folga, ela não tem paz” — uma alusão ao fato de que seus filhos dariam muito trabalho. O filho mais novo (Luan) vai no vizinho buscar uma camisa, e Vanda continua conversando com o outro filho (Uodson).

Das Dores (*Malhação: Viva a diferença*) também aparece no capítulo um. Na cena, ela desliga a televisão que informava a previsão do tempo. Ellen pede benção para a avó, que retribui e acende algumas velas. Ellen pergunta se aconteceu alguma coisa e Das Dores diz que é melhor garantir porque é sexta-feira 13 — demonstrando como ela é supersticiosa e religiosa. Depois, Das Dores retira algumas coxinhas do forno e diz que a mãe de Ellen voltaria do plantão naquele dia, mas isso ainda dependeria da chuva. Ela coloca mais coxinhas para assar, enquanto Ellen reclama da mãe e Das Dores diz que ela está sendo injusta. Anderson (irmão de Ellen) entra em cena dando “bom dia”. Das Dores serve café à Ellen e diz para Anderson não ir trabalhar por causa da chuva, ele fala que está protegido e mostra sua guia — símbolo de uma religião de matriz africana — no pescoço.

Nena (*Malhação: Viva a diferença*) é a única a ter sua primeira aparição apenas no capítulo dois. Na cena, ela atende o celular no hospital, usando vestes de enfermeira — o que dá a entender que aquele é seu local de trabalho —, e escuta sua mãe falar sobre Ellen estar na televisão. Nena pergunta o que aconteceu.

Depois da primeira aparição, Bete está em mais sete capítulos e em três ela está exercendo alguma atividade do seu trabalho (como limpando vidros); no segundo e terceiro capítulo Bete tem conversas amigáveis e acolhedoras com Carina e Gael, seus empregadores. E é somente ao final do terceiro que Bete e Sol (sua filha) têm as primeiras cenas juntas. Entretanto, as duas têm uma pequena discussão por Bete discordar das escolhas da filha.

Vanda aparece em mais 12 capítulos, sempre passando a imagem de uma mulher trabalhadora. No capítulo sete é confirmado que a profissão de Vanda é diarista e, aos poucos, ela começa a exercer também a atividade de vendedora de produtos para o

corpo. A relação de Vanda com os filhos tem algumas características: ela é superprotetora com Luan e rígida com Uodson; dá muito valor ao trabalho para que seu filho mais novo se dedique aos estudos.

Assim como Bete, Vanda aparece nos primeiros capítulos como julgadora de todas as escolhas de Uodson. E as cenas de carinho são dedicadas a Luan, sempre com uma visão de esperança de que ele “dê certo”, em oposição a imagem de “sem futuro” que Uodson passa.

Das Dores está em mais seis capítulos e em todos ela está acompanhada de um familiar. Em três cenas, ela aparece dando conselhos, sendo carinhosa e atenta com a neta. O tópico principal das conversas das duas é a ausência de Nena, sempre justificada por Das Dores como uma forma dela buscar um futuro melhor para os filhos. A profissão da personagem fica em aberto nesses capítulos, mas, como ela aparece colocando e retirando grandes quantidades de coxinhas do forno, acreditamos que Das Dores é cozinheira e revendedora desses salgados.

Nena é a que menos está presente nos 15 capítulos iniciais. Depois da primeira aparição, ela retorna em três capítulos. No terceiro capítulo, Nena e Das Dores, estão em uma reunião com os diretores das escolas em que as protagonistas estudam. E nos capítulos seguintes, Nena ajuda e aconselha Ellen com um problema no colégio. No capítulo 12, elas têm uma conversa no hospital em que Nena trabalha e, novamente, a ausência dela é tópico da conversa. Assim como Das Dores, Nena justifica sua pouca presença em casa como uma forma de “dar uma vida melhor aos filhos”, assim como sua mãe tinha lhe proporcionado. No capítulo 14, Nena vai até a escola de Ellen para conversar com a diretora e mostrar os motivos da garota “ter tanta raiva no coração”, conforme a personagem diz. Na conversa, Nena conta a história da família — em que seu marido foi assassinado por estar em local e hora errados.

Apesar da pouca aparição de Nena, e, em menor grau, de Das Dores, elas parecem ser a figura materna que Ellen precisa. Em contraponto com Bete, que exerce com as filhas do patrão a figura materna, e a forma com que Vanda trata seus filhos, diferenciando-os. Os debates sobre a ausência de Nena são importantes, pois mostram a representação das mães que vivem o paradoxo da mãe solo que precisa ausentar-se para prover o melhor para os filhos. Bete e Vanda também aparecem como mulheres trabalhadoras, que pensam no futuro dos filhos e que acreditam que o destino delas é

apenas trabalhar. Embora as conversas entre Das Dores e Ellen, e Nena e Ellen, pareçam sempre mais acolhedoras do que as das demais personagens e seus respectivos filhos, *Malhação: Viva a diferença* peca em não dar um espaço maior para Nena, mesmo que Das Dores esteja mais presente. Nas primeiras aparições, Bete e Sol estão sempre discutindo, sendo as escolhas “erradas” da filha o tópico. A relação das duas passa a ter uma imagem mais amena no capítulo cinco. Vanda, por outro lado, tem bastantes cenas ao lado dos pais de Luciana (a protagonista), seus amigos. Essas cenas parecem cumprir o papel de retirar as mulheres negras dos locais em que são apenas trabalhadoras ou mães: elas têm amigos, relacionamentos amorosos e se divertem. Entretanto, sua representação demonstra uma mãe que tem preferência evidente entre seus filhos. As cenas em que Vanda tem conversas acolhedoras com os filhos são pequenas e raras, sendo momentos de carinho apenas no seu relacionamento com Luan.

É necessário pontuar que as personagens aparecem como mães solteiras, seja por serem viúvas (Nena), pelo parceiro ter se envolvido em problemas não explicados (Bete) ou um motivo desconhecido (Vanda e Das Dores). Porém, essa será uma análise desenvolvida posteriormente em outro artigo, pois se faz necessário um recorte maior para se pensar em uma solidão da mulher negra e as mães soltas nessas representações.

2) A profissão dessas mulheres ocupa qual lugar social?

A escolaridade delas não é abordada, mas, acreditamos, devido a suas profissões, que apenas Nena ultrapassou os estudos primários. Bete e Vanda têm profissões parecidas, uma é empregada doméstica e a outra é diarista, essa depois passa a ser também vendedora. As aparições de Das Dores não deixam claro qual seria sua profissão, mas devido às pistas nas cenas, consideramos que ela é uma cozinheira que revende seus produtos.

Nosso foco, entretanto, não é qual profissão elas exercem, mas como são abordadas suas atividades profissionais, quais interações elas possuem com outros personagens em seus ambientes de trabalho e como isso influencia, ou não, em sua função materna com seus próprios filhos. Nosso interesse tem como base o levantamento realizado pelo Ministério do Trabalho (2018)¹⁰, que indica que pessoas negras ainda são a maioria em empregos que não buscam qualificação. A pesquisa ainda

¹⁰ Disponível em: <<https://glo.bo/2G6sJiX>>. Acesso em: 9 abr. 2019.

mostra que em 2016 pessoas negras ocupavam 45,2% das vagas que pediam apenas ensino fundamental e 27% em que era necessário o ensino superior. Pensando que as representações apresentam, em certo grau, uma realidade social, interessa-nos entender o que essas profissões atuais ainda dizem sobre o mito da *mãe preta*, cunhado há décadas, bem como do lugar social da mulher negra no mercado de trabalho.

Bete tem uma relação próxima com Carina e Bianca, e até com Gael, seus empregadores. Entretanto, ao mesmo tempo em que oferece conselhos às garotas ou alguma demonstração de afeto, é evidente que Bete está ali como empregada, visto que em diversas cenas as conversas amigáveis acontecem enquanto ela exerce algumas das atividades da sua profissão.

Os locais em que Vanda atua como diarista não aparecem nos capítulos. Porém, após o capítulo nove, ela se interessa pela possibilidade de aumentar a renda vendendo produtos voltados para a pele. Assim, a maior parte das suas interações, quando não são com os filhos, passam a ser relacionadas a essa atividade. Na reunião de pais da escola de Luan, por exemplo, Vanda apenas questiona sobre quem arcaria com uma não obrigatoriedade dos uniformes, permanecendo calada no restante da cena. Ao final, ela se aproxima do diretor para oferecer seus produtos. Ela não tem uma característica óbvia de prioridade do trabalho em detrimento dos filhos, porém, utiliza de momentos que deveria exercer apenas a figura materna em prol das melhorias da sua renda.

Como explicado anteriormente, não fica evidente qual a profissão de Das Dores, mas nos momentos em que ela parece estar exercendo alguma atividade, que julgamos ser a profissional, em sua casa, seus netos estão no mesmo ambiente. Como Nena ressalta em uma de suas conversas com Ellen, Das Dores contribuiu para que ela tivesse uma vida melhor em relação a sua para continuar os estudos e se formar como enfermeira.

Um dos tópicos frequentes nas conversas de Ellen com Das Dores, é sobre a ausência de Nena, que trabalha em um hospital. Em uma das cenas, Ellen visita a mãe e o segurança não permite que ela passe, pois não conseguiu identificar pelo nome a quem ela está se referindo porque a garota utiliza o nome completo da mãe, em vez do apelido pelo qual é conhecida. Quando Nena aparece, o segurança explica a Ellen que, se tivesse dito o apelido, ele teria deixado ela passar pois: “Nena é muito querida e, se não fosse por ela, o hospital já teria fechado”. Essa é uma representação constante, pois

personagens negros dificilmente possuem laços familiares ou sobrenomes (GRIJÓ; SOUSA, 2012).

Depois, quando estão a sós, Ellen dá indícios de que sente ciúmes do hospital e dos pacientes que têm a atenção que ela gostaria de ter. Assim, percebemos algumas características da representação de Nena: mesmo que ela seja querida no hospital por seus colegas, não é a eles que, inicialmente, ela dedica sua atenção e sim aos pacientes; apesar de dar indícios de ser uma mãe preocupada com o bem-estar dos filhos, Nena é representada reiteradamente como ausente, priorizando seu trabalho. Das três cenas em que aparece em seu ambiente de trabalho, somente na primeira ela não está na presença de Ellen. O que fica evidente é que, como apresentado no discurso da personagem, Nena segue os passos da mãe: prover um futuro melhor para os seus filhos. Essa parece ser também uma perspectiva de Vanda, entretanto, a personagem adota dois discursos: enquanto para Uodson o trabalho é a única alternativa, para Luan o estudo é sua principal atividade. Bete, na mesma esteira, em suas primeiras conversas com a filha, não concorda que Sol siga a carreira de cantora e acredita que “arte é coisa de gente bem-nascida”, limitando a vida de sua filha a suas próprias experiências.

3) Como é a interação dessas mulheres com seus filhos?

Uma das formas de se caracterizar o mito da *mãe preta*, é a ausência da mulher negra para seus filhos negros, em oposição a sua presença ativa (e materna) na vida dos padrões brancos. Nesse tópico, portanto, vamos analisar como se dá a interação dessas mães negras com os próprios filhos.

O primeiro momento de interação entre Bete e Sol acontece no capítulo três, em que elas se encontram em uma praça. Na conversa, Bete proíbe a garota de participar dos testes para a escola de artes e o capítulo termina com Sol se recusando a ir embora com sua mãe. No capítulo seguinte elas têm uma conversa em que Sol afirma ter muito orgulho da profissão da mãe, mas que, quando ficasse rica, não permitiria mais que ela pegasse em uma vassoura.

A relação das duas é mostrada como algo complexo. Ao mesmo tempo em que Bete parece querer o bem para a filha, ela tem medo que ela siga os próprios sonhos e se arrependa. Sol, por outro lado, se mostra uma garota ambiciosa e que, de certa forma, não vê nos conselhos da mãe o caminho certo a se seguir. No capítulo cinco, entretanto,

temos uma demonstração de afeto e companheirismo mais evidente por parte da mãe. Nela, Bete espera de madrugada pelo retorno da filha que tinha ido a um show.

Das personagens analisadas, apenas Vanda tem filhos brancos, mas acreditamos que a análise também pode ser utilizada nessa relação. Apesar de parecer rígida e bastante preocupada com as economias da família, já no primeiro capítulo, Vanda aparece orgulhosa na formatura de Luan e sua relação com ele é de mãe protetora e que mimia o filho — ele, por sua vez, sente vergonha de suas origens pobres. Com o filho mais velho, que tem orgulho da mãe e do trabalho dela, o relacionamento acontece por meio de cobranças. No capítulo 14 ela demonstra afeto por Uodson, porém ainda com um discurso de cobrança. A representação de Vanda demonstra que, apesar de amar os filhos, ela não vê em Uodson um futuro promissor, já que ele não seguiu nos estudos. Essa esperança é depositada em Luan, de forma que é ele quem Vanda mimia e oferece todas as condições para que continue estudando.

Para Das Dores se faz necessário analisar sua relação com a filha e com os netos. A relação entre eles é boa, com Nena aparentando uma forte admiração pela mãe, e com os jovens tendo respeito e carinho para com a avó. Um exemplo é o capítulo dez, em que Ellen chega em casa abalada, Das Dores se aproxima da garota, a aconselha, oferece colo, carinho e palavras de conforto. Nessa conversa, ela reafirma que Nena se importa com os filhos, que está orgulhosa e pensando sempre em Ellen.

O recorte para a análise de Nena é pequeno, mas é possível perceber que seu enredo se desenrola em sua ausência. Esse é o tópico principal das conversas de Ellen com a mãe e também das falas da jovem com a avó. O relacionamento se torna conturbado por essa característica e, quando esse fato é colocado de “escanteio”, Nena se torna, na visão de Ellen, a figura materna que ela sempre quis: preocupada, carinhosa e presente.

Considerações finais

Neste artigo tivemos como objetivo analisar a representação de quatro personagens em temporadas distintas da telenovela *Malhação*, com base nos conceitos de representação, identidade e o mito da *mãe preta*, para responder à questão: *o que a representação dessas mulheres negras diz sobre o lugar social das mães pretas?*

A análise de Bete demonstra que o lugar social da mulher negra que é mãe não é muito diferente do mito da *mãe preta*. Suas interações no trabalho e seu relacionamento com a filha, parecem mais uma reafirmação do mito do que um novo olhar, mesmo que haja algumas diferenças — como as breves cenas em que Bete e Sol dividem um momento de afeto. Para nós, fica a mensagem de que ela é uma representação sem qualquer elemento de desconstrução do mito.

A análise de Vanda apresentou alguns pontos positivos — como seu relacionamento com outras pessoas da sua faixa etária, o que humaniza essa mulher —, porém, parece-nos que para essa personagem não houve uma intenção de fazer com que a representação apresentasse um novo olhar. É como se fosse algo neutro que não trouxe tantos estereótipos, mas também não mostrou nada novo. Vanda, portanto, mostra que o lugar social das mulheres negras que são mães ainda é se manter em profissões subalternizadas, mas que isso não lhe impede de manter um relacionamento com os filhos e com os amigos.

A representação de Das Dores parece apresentar uma personagem que trabalhou muito durante anos e que agora, como avó e de idade mais avançada, está numa posição mais confortável. Apesar de manter algumas características que poderiam ter sido evitadas (o foco no trabalho da personagem na produção de cozinhas), Das Dores parece demonstrar mais qualidades do lugar social da mulher negra do que deméritos. Apesar de não sabermos qual é seu passado profissional, seu relacionamento com a filha e com os netos mostra o afeto e o companheirismo das mulheres negras para com seus pares, além de apontar como a família dá continuidade ao matriarcado.

Ao nos filiar ao modelo praxiológico, entendemos que não devemos analisar a comunicação apenas pela intenção que ela nos mostra, mas pelo sentido que de fato é constituído na interação, Das Dores nos demonstra uma intenção de um novo olhar que, de fato, é colocado em prática. Assim, consideramos que a representação de Das Dores teve uma atualização positiva. O mesmo não acontece com Nena, em que parece ter havido uma intenção de um novo olhar, mas que a análise mostra que não foi colocado em prática. Explicamos: ao contrário das demais personagens, Nena não ocupa uma profissão sem qualificação, não carregando o estereótipo profissional que mulheres negras apresentam em outras produções. Ela também se mostra preocupada com os

filhos e demonstra afeto e companheirismo. Entretanto, e é a questão que incomoda, há pouca aparição da personagem em 15 capítulos.

Se a intenção inicial era de um novo olhar da mulher negra que é mãe, ela acaba por se mostrar pela “metade”, pois o demasiado foco na sua ausência para com sua família mostra ainda uma amarra à ideia de que mulheres negras não possuem o tempo necessário para os seus. Essa acaba por representar uma realidade social das mulheres negras? Sim, se pensarmos que boa parte delas ainda estão ocupando profissões que as impedem de ter horários maiores com a família, como os dados apresentados mostram. Porém, a princípio, em uma temporada que o foco é a “diferença”, essa parece ser uma representação que poderia ter sido melhor explorada. Nena, nos demonstra, então, que o lugar social das mães pretas é o de trabalhar por muitas horas, mesmo em um emprego que a permita ter uma renda melhor e seja visto com “bons olhos”, e ter pouco tempo para os seus, fazendo com que sua vivência seja carregada de uma certa solidão.

Referências

CAMPOS, L. A.; CANDIDO, M. R.; FERES JUNIOR, J. **A raça e o gênero nas novelas dos últimos 20 anos**. Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa, Rio de Janeiro/RJ. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2mTeZOb>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

CORRÊA, L. G.; SILVEIRA, F. J. N. Representação. *In*: FRANÇA, Vera; MARTINS, Bruno; MENDES, André. (Org.). **Grupo de pesquisa em imagem e sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. 1. ed. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2014, p. 127-130

CRENSHAW, Kimberlé. **A urgência da “interseccionalidade”**. Vídeo da palestra no evento Technology, Entertainment and Design (TEDWomen 2016). Disponível em: <<http://bit.ly/2FX0Ecs>>. Acesso em: 29 de mai. 2018.

FRANÇA, V. R. V.; SIMOES, P. G. Porto dos Milagres: diálogo com a realidade social e construção de símbolos de pertencimento. *In*: **Intexto**, UFRGS, Porto Alegre, v. 2, p. 1-17, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: SILVA, Luiz Antônio Machado et al. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. *In*: ANPOCS, Brasília, 1984. p. 223-244. (Ciências Sociais Hoje, 2.).

GRIJÓ, W. P.; SOUSA, A. H. F. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. *In: Estudos em Comunicação*, n. 11, p. 185-204, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2OvIgej>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001

LIMA, S. M. C. A Personagem Negra na Telenovela Brasileira: alguns momentos. **Revista USP**, São Paulo/SP, n. 48, p. 74-87, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *In: Revista Comunicação & Educação*, 25. São Paulo, jan/abr de 2003.

LOPES, Maria Immacolata V. (Org.). **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

MEMÓRIA GLOBO. **Malhação (1995-1996):** formato. Disponível em: <<https://glo.bo/2v2Lwpe>>. Acesso em: 9 abr. 2019.

QUÉRÉ, L. De um modelo epistemológico a um modelo praxiológico da comunicação. *In: FRANÇA, V.R.V.; SIMÕES, P.G. (Orgs.) O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 15-48.

RONCADOR, Sonia. O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 31. Brasília, jan.-jun. de 2008, pp. 129-152. Disponível em: < <http://bit.ly/2KxVeuc> >. Acesso em: 01 de abr. 2019.

SIMOES, P. G.. A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades: Ronaldo, o Fenômeno, e seu casamento com Daniella Cicarelli. *In: 19º Encontro Anual da Compós, 2010, Rio de Janeiro. In: Anais do 19º Encontro Anual da Compós*. Rio de Janeiro: Duplicasom, 2010. p. 1-16.

SIMOES, P. G.. Representações do amor no diálogo entre ficção e realidade: telenovela e sociedade brasileira. *In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), 2005, Rio de Janeiro. In: Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM)*. Rio de Janeiro: Imprinta Express Ltda, 2005. pp. 1-15.

SIMÕES, P. G.; FRANÇA, V. R. V. Telenovelas, telespectadores e representações do amor. *In: Eco-Pós, UFRJ*, v. 10, p. 48-69, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2K7TBhr>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

SOUSA, C. C. **Juventude e escola: a interseção entre Malhação e o cotidiano dos jovens**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG/ Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2NSEDOq>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

XAVIER, Nilson. **Há 15 anos, Globo lançou 1ª protagonista negra em novela e quase nada mudou**. Blog do Nilson Xavier, UOL, 2019. Disponível em: < <http://bit.ly/2UNgtMw> >. Acesso em: 29 jan. 2019.